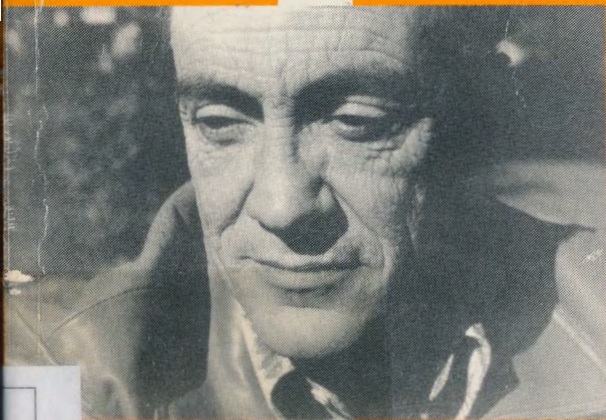


coleção **TEATRO VIVO**

jaime
salazar sampaio



duas peças:
**FERNANDO
(TALVEZ) PESSOA
O SOBRINHO**

fernando (talvez) pessoa

11

EM APÊNDICE:

Viagem com Fernando Pessoa(s)

ou Fernando (talvez) Pessoa

por Taborda de Vasconcelos

De Pessoa às personagens via Salazar Sampaio,
e vice-versa

por Luiz Francisco Rebello



PLÁTANO EDITORA

título:

FERNANDO (TALVEZ) PESSOA
O SOBRINHO

autor:

JAIME SALAZAR SAMPAIO

direitos reservados:

PLÁTANO EDITORA, S.A.R.L.
Av. de Berna, 31-2.º Esq. — LISBOA

arranjo gráfico:

GABINETE TÉCNICO DA PLÁTANO/LFP

edição:

TV-832-82

o sobrinho

PERSONAGENS

JORGE
MAURICE
RAPAZ
RAPARIGA

Sala de estar, mobilada com gosto. Algumas peças antigas: relógio de parede, candeeiro de pé, etc. Cobrindo a parede lateral direita, estantes repletas de livros encadernados. Janela na parede do fundo, um tanto à esquerda, com cortinas. Porta à direita alta, não em evidência. Mesa com um telefone e uma jarra sem flores, à esquerda alta. Algures, um armário.

Em cena Jorge — cerca de 40 anos, elegante, indolente — e Maurice, o seu mordomo (francês?) de idade indefinida, respeitoso e snob.

Jorge sentado num maple confortável (talvez de inclinação variável e mesmo rotativo, segundo a opção do encenador) enverga um «robe de chambre» de boa qualidade e tem uma manta de viagem a cobrir-lhe as pernas. Junto dele, bem ao seu alcance, uma pequena mesa.

MAURICE (ao telefone, depois de escutar, em vão, durante 20 a 30 segundos) — Paris não responde, Monsieur. (Volta a escutar).

JORGE (*espreguiçando-se, enterrado no maple*) — Talvez já não haja, deixa lá...

MAURICE — Pardon, Monsieur?

JORGE (*entre bocejos*) — Talvez tenha... de facto... realmente... ardido.
(*Maurice mostra-se chocado. Volta a escutar, agora com ansiedade. Entretanto, Jorge retirou um cachimbo do bolso e começa a enchê-lo, lentamente.*)

MAURICE (*afastando o auscultador do ouvido, tom solene*) — É inquietante, Monsieur... Inquietante. (*Pausa. Tom solícito.*) Posso é ligar para as avarias... (*Pausa*) Monsieur veut-il que...

JORGE (*acabando de encher o cachimbo e guardando a bolsa do tabaco*) — Afinal de contas Paris não era o Mundo...

MAURICE (*profundamente melindrado*) — Oh, Monsieur, tout de même...

JORGE (*prossequindo*) — Não passava de uma enorme cidade de província. (*Gesto amplo com o cachimbo que continua apagado*). Automóveis. Pessoas. Lojas...

MAURICE (*interrompendo, com veemência*) — E o Jardim de Luxemburgo, Monsieur? (*Ar cúmplice*) Faut pas oublier le Jardin de Luxembourg!

JORGE (*sem entusiasmo, levemente irónico*) — É isso. O Jardim. (*Pausa. Acentuando a ironia.*) Automóveis, pessoas, lojas... e o Jardim de Luxemburgo...

MAURICE (*insinuante*) — E para além do Jardim, por trás dele... vous savez bien... aquela rua! (*Pausa*) A Rua Vavin, Monsieur. La Rue Vavin...

MAURICE (*preparando-se para acender o cachimbo, Tom narrativo, desapaixonado*) — O vinte e quatro da Rua Vavin. (*Pausa.*) Um prédio sóbrio, digno, recolhido. (*Pausa.*) O portão. A escada. (*Pausa.*) Os degraus da escada. (*Longa pausa.*) O primeiro andar. (*Pausa. A meia voz.*) Flores azuis. Cabelos castanhos. (*Pausa.*) O vinte e quatro da Rua Vavin. Exactamente.

(*Durante algumas das pausas de Jorge, Maurice foi dizendo ao telefone «Alô!», «Alô!», em vários tons.*)

Jorge pousa o cachimbo, que afinal não chegara a acender, no tampo da pequena mesa ao seu alcance. Longa pausa.)

JORGE (*de súbito preocupado*) — Quantos são hoje, Maurice? (*Maurice, ao telefone, não responde.*) Vinte e cinco? (*Pausa.*) Chegámos então ao dia vinte e cinco! (*Maurice, sobressaltado, olha o relógio de pulso, afastando-o e aproximando-o dos olhos. Tendo, por fim, conseguido ler a data,*

Execução gráfica
da
TIPOGRAFIA LOUSANENSE
Lousã Março/1982